



OS DISCURSOS SOBRE AS JUVENTUDES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2021

João G. S. R. SÓ¹; Aline B. ALVES²; Mirelli G. TERRA³; Gabriel AMATO⁴

RESUMO

Este relato de pesquisa analisa como os livros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021 retratam as juventudes negras, a partir de trechos (imagens, textos, referências, recomendações etc.) desses materiais. As conclusões desta pesquisa foram tomadas a partir da análise qualitativa das edições e da ampla revisão bibliográfica sobre a sociologia e história dos materiais didáticos. Com base nisso, concluiu-se que as narrativas sobre os jovens negros presentes nesses materiais veiculam discursos específicos, entre os quais se destacam, por um lado, o “discurso do protagonismo juvenil” e, por outro, um projeto de sociedade que, embora nem sempre explícito, acaba por reforçar a marginalização das juventudes negras.

Palavras-chave:

manuals didáticos; relações étnico-raciais; culturas juvenis negras; juventudes

1. INTRODUÇÃO

O conceito de juventudes, embora frequentemente associado a recortes etários e demográficos, é, sobretudo, uma construção social, simbólica e histórica. Groppo (2000) destaca que não há uma única juventude, mas múltiplas juventudes, cujas experiências são atravessadas por condições de classe, gênero, raça, território e cultura. Nesse sentido, ser jovem é vivenciar uma condição social que se manifesta de formas distintas. Partindo dessa perspectiva, a análise das juventudes negras nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) do PNLD 2021 considera que, embora a obrigatoriedade da temática afro-brasileira esteja prevista desde a promulgação da lei nº 10.639/2003, a abordagem nem sempre é crítica, plural ou desestigmatizante. Observa-se, com frequência, que jovens negros são representados como dados estatísticos vinculados à violência ou ao desemprego, enquanto os jovens brancos aparecem majoritariamente associados a espaços de protagonismo. Diante disso, a pesquisa parte da seguinte pergunta: “como as juventudes negras são narradas nos livros didáticos do PNLD 2021?”. Procede-se, então, à análise de trechos selecionados de obras aprovadas para o Ensino Médio, com o intuito de identificar os discursos que constroem essas representações. O objetivo é evidenciar como essas representações não apenas constroem sentidos sobre o ser jovem negro no Brasil contemporâneo, mas também reforçam ou tensionam projetos sociais historicamente excludentes.

¹ Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: joao.so@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: aline.barros@alunos.ifsuldeminas.edu.br

³ Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: mirelli.gabriele@alunos.ifsuldeminas.edu.br

⁴ Orientador, Centro Pedagógico – UFMG. E-mail: amatogabriel@ufmg.br

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este projeto é fundamentado nas discussões sobre os livros didáticos surgidas no final da ditadura civil-militar brasileira. Tal debate destacava, inicialmente, a reprodução de ideologias das elites brasileiras presentes nos materiais didáticos. Nesse sentido, Oriá (1996) entendeu os livros didáticos a partir de um recorte racial, em que as expressões, os textos e as imagens desses materiais reforçavam um projeto de sociedade elitista, racista e excludente, transmitindo o negro como caricato, coisificado e depreciado. Essa discussão inseria-se na denúncia dos livros didáticos como um “gênero das belas mentiras”, conforme denominado por Munakata (1998), mas com um olhar racializado. Já na década de 1990, autores como o já citado Munakata (1998) e Bittencourt (1997) passaram a entender o livro didático como um produto mercadológico pautado por interesses da indústria cultural e, no caso do PNLD, do Estado brasileiro. Além disso, esses autores debateram a construção iconográfica dos materiais didáticos – visto que, além de concretizar os conteúdos, transmitem estereótipos que acabam por homogeneizar experiências sociais. Na década de 2010, Chaves *et al.* (2014) analisou os usos dos livros didáticos no contexto das salas de aula, no qual assumem significados diversos. Com isso, eles são passíveis a inúmeras aplicações e interpretações.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi utilizado um método qualitativo para a análise dos conteúdos dos livros didáticos da área de CHSA aprovados pelo PNLD 2021 sobre as narrativas da juventude negra ao longo da história. Nesse sentido, esta pesquisa foi feita com o auxílio de um banco de dados, anteriormente organizado por uma equipe de iniciação científica vinculada ao mesmo projeto, no qual foram sistematizados os trechos das coleções que apresentam temas como juventude, movimento negro, jovens negros e protagonismo juvenil. Além disso, essas reflexões também foram extraídas de debates sobre textos de diversos autores que abordam diferentes perspectivas sobre os usos e ideais transmitidos através dos livros e materiais didáticos.

Com isso, a amostragem de dados analisados foi selecionada a partir do critério da apresentação dos jovens negros como agentes históricos. Isso resultou na escolha de trechos das seguintes obras: *Convívio democrático* (Coleção “Diálogo em Ciências Humanas”, editora Ática) e *Política e ética em ação: Cidadania e democracia* (Coleção “Ciências Humanas”, editora Prisma).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dessas discussões, buscou-se analisar dois excertos que trazem consigo representações acerca das condições juvenis negras no PNLD 2021 .

JOVENS ESTUDANTES NEGROS

O movimento pan-africanista ganhou força nas primeiras décadas do século XX. Jovens negros, filhos das elites africanas, principalmente das colônias do Reino Unido, foram estudar em universidades da Europa e dos Estados Unidos. Eles produziram jornais, escreveram livros, organizaram congressos, fundaram

associações, sempre com o objetivo de pensar a África como uma unidade política e cultural.

Esses jovens também defendiam a unidade dos povos africanos, as noções de justiça e igualdade, bem como o direito à autodeterminação na luta contra o neocolonialismo europeu.

Jovens estudantes negros das colônias francesas da África estudaram em Paris nas décadas de 1920 e 1930. Um dos nomes mais conhecidos é o do senegalês Léopold Senghor (1906-2001). Na capital francesa, ele aderiu ao comunismo e tornou-se amigo de Aimé Césaire (1913-2008), estudante negro vindo da Martinica, que o ajudou a refletir sobre a situação dos negros e a identidade africana. Césaire criou o conceito de **negritude**. Para ele e para Senghor, esse conceito permitia aos africanos e afrodescendentes valorizar sua cultura e, com isso, formar uma identidade política e social, além de buscar o ideal de solidariedade racial.

neocolonialismo

expressão utilizada para definir as políticas imperialistas das potências europeias que buscavam domínios na África e na Ásia. O neocolonialismo é característico dos séculos XIX e XX, e o sufixo neo o distingue do colonialismo da época da expansão atlântica no século XVI.

O antirracismo como arma contra o genocídio negro

Para compreender o porquê de os negros estarem entre a população vulnerável é necessário olhar para além da desigualdade do tempo presente. É preciso olhar novamente para o passado colonial escravista e compreender que a naturalização da violência contra o negro tem origem em séculos de desumanização, em castigos físicos e emocionais como forma de controle sobre seus corpos e suas mentes. A abolição, mais do que libertar pessoas, criou um contingente enorme de despossuídos que continuaram a viver de trabalhos pesados e mal remunerados. Durante a escravidão, os corpos dos negros eram vistos como mercadorias valiosas; após a abolição, os negros perderam essa utilidade e passaram a ser vistos com desprezo.

Existe um abismo entre pretos e brancos no que se refere às oportunidades a que cada grupo tem acesso e às formas como suas humanidades são compreendidas. Somente o racismo estrutural explica as bases da desigualdade e o motivo de uma pessoa negra receber um salário menor que o de uma pessoa branca, mesmo ocupando o mesmo cargo e tendo a mesma formação escolar. Apenas o racismo estrutural explica que uma pessoa branca seja preferida em um cargo de emprego, naturalizando as pessoas negras em subempregos e no trabalho informal. É o que dizer ainda da evasão escolar e da reduzida presença de negros nas universidades?

Qual é a relação entre a [garantia] do direito à vida e a juventude negra? Como esse direito tem sido afetado pelo racismo? Será que a vida dos nossos jovens negros só através de ser garantida está sendo, na realidade, criminalizada? Há um extermínio da vida dessa juventude? Um genocídio? Quem luta para garantir o direito à vida dos nossos jovens negros? A educação se preocupa com essas questões?

[...]

É possível dizer que, nos últimos anos, tem aumentado a consciência política sobre a situação de extermínio da juventude negra. Além da denúncia, a vontade política e jurídica de alguns setores em combater as causas desse extermínio vem sendo despertada. Dentre as causas mais citadas listamos: a violência urbana, a pobreza e a vulnerabilidade social, o tráfico, a ausência de uma política democrática de segurança. Somado a elas existiria, ainda, toda uma situação de falta de acesso à educação escolar, a ausência de equipamentos públicos de lazer nos bairros pobres, ruas e favelas, baixa ou pouca inserção no mercado de trabalho de maneira digna, pouco acesso aos bens culturais, disputa entre os próprios jovens resultando em morte por armas de fogo.

[...] Mas fica sempre a pergunta: essas são, de fato, as causas do extermínio da juventude negra?

[...] existe uma macrocausa que gera toda a violência que se volta contra essa juventude e que não tem sido discutida pelas políticas públicas e nem tem sido analisada com profundidade pelas ciências sociais e humanas, com destaque para o campo da educação: o racismo.

[...]

A campanha Vidas Negras: pelo fim da violência contra a juventude negra no Brasil (ONU/BR) assumiu publicamente que o racismo é a macrocausa do extermínio da juventude negra. Em relação à situação dos jovens negros apontada pelos dados oficiais, a campanha defende que “esta morte precisa ser evitada e, para isso, é necessário que Estado e sociedade se comprometam com o fim do racismo – elemento-chave na definição do perfil das vítimas da violência”.

Gouveia, Nilma Lino Luciane; Araújo, Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 34, 23 nov. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/educar/pdf/revista/v34/23nov16/edu34n36p16.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PARA EXPLORAR

» *«Parem de nos matar, de Cidinha da Silva. São Paulo: Pólen Livros, 2016.*

O livro reúne crônicas de uma escritora e dramaturga negra que vivencia o racismo no cotidiano e pensa seu lugar na sociedade. Além de tratar do racismo estrutural e denunciar o genocídio contra a juventude negra, a autora trata de histórias, construções culturais e resistência de um povo que tem sobrevivido na luta histórica por liberdade.



36

Não escreva no livro.

Imagem 01: VAINFAS, Ronaldo *et al.* *Diversidade, cidadania e direitos humanos*. Coleção “Humanitas.doc”. Brasil: Saraiva, 2021, p. 118-119.

Imagem 02: SOUZA, Flávio Manzatto de *et al.* *Cidadania e Ética*. Coleção “Ser Protagonista”. Brasil: SM, 2021, p. 36.

O primeiro trecho (**Imagem 01**) consiste no tópico “Jovens Estudantes Negros”, presente no livro didático *Diversidade, cidadania e direitos humanos* da coleção “Humanitas.doc”, da editora Saraiva. O texto apresenta a condição juvenil negra nos movimentos do *pan-africanismo* e da *negritude*, nascidos no final do século XIX. O extrato dá ênfase à constituição dessas formas de manifestação, encarando-as como frutos das condições juvenis africanas que, nesse contexto temporal, foram às universidades da Europa e dos Estados Unidos. Assim, define que tais movimentos foram resultado das mobilizações juvenis negras que, através de produções acadêmicas (jornais, livros, organização de congressos, associações etc.), divulgaram seus ideais. Como pauta desses movimentos, o excerto apresenta a defesa da liberdade e da igualdade, bem como a luta contra o neocolonialismo europeu. Além disso, o texto dá ênfase a personalidades jovens como Léopold Senghor e Aimé Césaire, ao discorrer sobre esses movimentos em Paris e sobre a construção do termo *negritude* e de suas significações na sociedade das décadas de 1920-30. Por fim, no canto inferior direito é apresentada uma definição para *neocolonialismo*, estabelecendo-o como as formas de dominação dos Estados coloniais características do século XIX e XX.

O segundo trecho (**Imagem 02**) faz parte do tópico “O antirracismo como arma contra o genocídio negro”, presente no manual didático *Cidadania e Ética*, da coleção “Ser Protagonista”, da

editora SM. No texto, os autores fazem referência ao genocídio da juventude negra no Brasil, apresentando o racismo estrutural como macro causa desse problema. Com isso, os autores reforçam que, para combater esse sistema genocida, são necessárias ações antirracistas que garantam o direito à vida e à permanência das culturas juvenis negras. Por fim, no canto inferior esquerdo, há um quadro com a recomendação de um livro, *#Paremdenosmatar*, que reúne crônicas da escritora negra Cidinha Silva sobre as vivências cotidianas de uma pessoa negra.

Os excertos em questão constroem paradigmas próprios sobre as juventudes negras. Diante disso, tais composições carregam consigo discursos – em especial, o “discurso do protagonismo juvenil”, conforme enunciado por Souza (2009), no qual os jovens são apresentados como atores sociais autônomos numa malha de outros sujeitos que atuam de forma individual. Tal discurso aparece como um conceito abarcador de todas as historicidades das condições juvenis, com isso homogeneizando tais experiências sociais. Os materiais didáticos, ao representar jovens negros, carregam outro discurso que se mescla ao protagonismo juvenil, apresentando-os através de um prisma estereotipado que transmite o negro como: sacrificado, criminoso, minoria ou inferiorizado (Oriá, 1996). Assim, celes compõem um quadro nos livros de CHSA do PNLD 2021 em que os jovens negros do passado aparecem como atores sociais, pautados no protagonismo juvenil, e as juventudes negras no presente são apresentadas como vítimas.

5. CONCLUSÃO

As aparições pontuais das juventudes negras revelam que a forma pela qual os livros didáticos representam as condições juvenis são heterogêneas. Diante desse contexto dos manuais didáticos, o discurso do protagonismo juvenil se mescla com outros projetos de sociedade e cria em si contextos próprios para a escrita da história nos livros didáticos. No caso da juventude negra, apresenta-os como atores autônomos ao mesmo passo que os representa como agentes vitimados da sociedade, apagando a pluralidade das vivências negras ao longo da história.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

ORIÁ, Ricardo. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. *Textos de História*, vol. 4, nº 2, 1996, p. 154-165.

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, nº1, vol. 1, 2009, p. 1-28.

CHAVES, Edilson Aparecido e GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Avaliação de livros de História por alunos do ensino médio. *Espaço pedagógico*, v. 21, n. 2, p. 336-357, jul./dez. 2014.